

TEXTOS DE AMOR 2011 | FINALISTAS

Francisco Manuel Calado Gomes Abrunhosa

“ Receita apelada”

- Ai, como eu gostaria de contigo fazer a marmelada: descascar-te cada fruto com ternura, pondo a polpa à vista; fazê-la, logo, em gomos delicados, salvaguardando a pele e a semente para, mais tarde, transformar em geleia tremelicante, de sensual e aveludado sabor; juntar-lhe, com as tuas e estas minhas mãos, tanto de doçura ameigada quanto o seu peso reclamar e, já no caldeirão, adicionada a água, por nós vertida, até tudo cobrir como manto morno e transparente, chegar-lhe o lume em desfilada; e sentir-lhe o perfume inebriante, saltando de borbulhas loucas, nossos pequenos vulcões, soprando os seus humores, tão palpitantes quanto os nossos corações. Passado o tempo preliminar de cozedura, o clímax estará próximo: chegado será o momento de a entregar aos cuidados da varinha mágica que, ao nela penetrar, suavemente, com o máximo cuidado, para que nada derrame durante os necessários movimentos, lhe traga o fulgor e a textura por nós tão desejados. Há que vertê-la, enfim! a pouco e pouco, antes que arrefeça, em pequenas taças: nossos troféus, por nós velados a cobertura vegetal, aí perdurando até que algum dente guloso se lhe assente. Mas, nós, não nos importaremos, porque poderemos sempre fazer mais, muita mais, quanta quisermos.

- Deixas-me?

ALBERTO PEREIRA

“Amanhecem nas rugas precipícios”

Amanhecem nas rugas precipícios.
Pesam os dias empinados no vazio,
o tempo é fogo coado
a narrar o esaldar da neve.

A ocidente do coração
a juventude atrelada ao sangue.
No olhar o selim sedoso
onde se sentam ainda as mulheres
que despiam o paraíso.
Vêm devagar, tenebrosas,
com a distância em combustão.

Amanhecem nas rugas precipícios.
Espreitam na escotilha corporal,
migalhas luminosas enamoradas de sombra.

Já nada tosquia as cicatrizes.

A memória é um rebanho
de arame farpado
e a eternidade,
o único tempo que morre.

Emanuel Verdade da Madalena

texto =

Hoje acordei num silêncio total.

O mundo também já deveria estar acordado. Estarei surdo?

Olho pela janela e vejo que o som é sólido. O canto dos pássaros entra por entre as cortinas como suaves pinceladas de cor de aurora que sobressaem da matriz translúcida do som da rua.

A água com que me lavo mistura-se com pulsões brilhantes e espessas. A máquina de barbear faz metais cinzentos e ásperos, e o fecho do casaco dispara pequenos sons para todo o lado.

Mastigo algo à pressa e a minha jugular treme alguns véus de cores claras. Quando fecho a porta atrás de mim esta explode em mil pedaços escuros e gordos que recuam nas paredes.

Agora os meus passos criam crateras duras pelo chão. Os carros passam por mim e criam espessas nuvens de som que cobrem a luz do sol por toda a rua. As pessoas amontoam-se com

as suas crateras pelos passeios e com o algodão que produzem quando se acotovelam. Uma porta abre-se e de lá de dentro saem discussões de um rubro inflamado com fôlegos

esvoaçantes. Um cão ladra emaranhados prateados, e o seu dono tira o céu de um acordeão.

As moedas que caem na sua caixa de cartão soltam setas afiadas com o fulgor intenso da chama de uma fita de magnésio.

As vozes são fios coloridos que saem das pessoas e se misturam pelo ar. Cruzam-se e voam lentamente. Perdem-se e encontram o seu destino.

São tantas cores, tantas texturas, uma marca única de cada um. Todas diferentes e todas molhadas pelo líquido que o vento faz quando passa entre as folhas das árvores.

Vejo-te ao longe, e de repente sou todo batimento cardíaco. Ouço-te perfeitamente. Ouço os teus passos a arrancarem pedaços de som do chão, e as lágrimas transparentes do vento nos teus cabelos, e os pequenos clarões das pulseiras que chocalham no teu braço

O meu toque no teu braço larga pétalas brancas. Suspiras veludo.

Ficamos em silêncio por uns instantes, para conseguirmos ver os nossos sorrisos.

Começo a dizer baixinho que...

É então que te aproximas e tapas com a mão o meu murmúrio.

Maria Goreti Andrade Carneiro Dias

“ Espalho nas palavras com que te toco”

Espalho nas palavras com que te toco
Um pudor de textos inquietos,
Mensagens mágicas,
Confidências de saudades
E feitiços perfumados.

No horizonte de prata que me és,
Abraço o céu,
Toco-te com a brisa,
Mas só intensifico a distância
Colhida em cada flor soprada dos meus lábios.

Abro a porta a uma sinfonia,
Aceito a brisa perfumada de luar
E colho-te o olhar guardado na alma.
Teço com ele a minha coroa de estrelas,
Tua rainha,
Num trono de noites revoltadas.

Maria Goreti Andrade Carneiro Dias

“Violino”

Vem ser meu arco,
Meu dó maior,
O Si que não abarco
Na pauta da dor!

E na sinfonia da cor,
No azul do arco íris,
Saberei maior
A música que quis.

E subirei contigo
Uma escala brilhante
Numa valsa de amigo,
De amor ou de amante...

Quero ser teu violino,
Gemer em tua mão,
Soluçar um hino
Em forma de confissão!

E quando teus dedos
Solicitarem minhas cordas,
Serão os meus segredos
O que tu acordas!

E bem perto de teu rosto,
E bem perto de teu peito,
Arderei de fogo posto
Por tuas mãos e meu jeito.

E o que subirá no ar,
Resultado da combustão,
Será o que sobrar
Desta minha paixão!

Entranhar-se-á na tua pele,
Misturar-se-á contigo,
Numa fusão que sele
Teu prémio e meu castigo.

Vem tocar tua sinfonia
Em meu corpo que espera,
Em notas de alegria
Em ânsias de fera!

E verás, meu belo músico,
Que a música por ti tocada
É alegre em que fico,
Se bem executada!

António Monteiro de Aguiar Oliveira

texto =

Hoje, acordei mal disposto.

Pensei que uma noite de sono dissolveria o desentendimento de ontem, mas a arrelia mantém-se.

Continuas dormindo. Como todos os dias, levanto-me primeiro; dizes que precisas de mais "cinco minutinhos" (quase sempre mais uma, às vezes duas horas).

Este "ritual" é perturbado, apenas, quando fazemos amor; durante toda a nossa vida de casados - quarenta e sete anos - a maior parte das vezes o fizemos pela manhã (quantas vezes chegámos atrasados ao emprego?).

Mas, hoje, não seria capaz; o teu temperamento difícil manifestou-se, ontem, mais uma vez.

O motivo? - Fútil, como quase sempre, sem qualquer importância.

É por isso que sei que tudo vai passar; a experiência da nossa vida isso me indica, e até talvez haja uma bela reconciliação...

Início a minha rotina matinal, quarto de banho em primeiro lugar, a seguir, pequeno almoço. logurte, cápsula de óleo de salmão com sumo de laranja, chá verde e pão tostado, com margarina vegetal.

Como sempre, desde que me lembro, abro dois pães, pelo meio, coloco-os, um de cada vez, por uma questão de capacidade, na torradeira, e deixo-os tostar, para melhor receberem a margarina.

Como sempre, desde que me lembro, tenho o cuidado de não deixar queimar o teu - levemente tostado, loirinho, como tu gostas...

Alexandra Schütz

“ A mania dos textos de amor”

Nunca li um texto de amor feliz. Um texto de amor que não ardesse, que não chorasse, que não sofresse. Todos os textos de amor são catalíticos, cada linha é um hecatombe, cada parágrafo um terremoto de 10 pontos na escala de Richter.

Os textos de amor sangram e gritam e dormem abraçados à almofada.

Eu durmo abraçada a ti. Por isso não me esvaio em saudades tuas. Eu tenho vontade de ti como as grávidas de frutas fora de época.

Não sinto nostalgias perdidas em cartas rasgadas, dou-te beijos de bom dia e revejo fotografias intactas.

Não passo noites em claro com anseios inúteis, prefiro marcar encontros contigo em sonhos que depois se tornam realidade.

A distância não me enlouquece, faz-me apanhar o comboio para ir ver-te.

Não tenho palpitações arrebatadas, nem faltas de ar injustificadas, nem pensamentos suicidas, apenas me irritam um pouco as tuas piadas forçadas.

O teu corpo e as tuas características físicas não são a minha perdição, são o meu pouso.

O teu sorriso não me mata, abre-me o apetite. E o teu olhar não me faz estremecer porque me dá a certeza de que gosto de ti.

O teu passado não me assusta e os ciúmes não me corroem a alma, em vez disso, são combustível para as viagens que vamos fazer: Brasil, Marraquexe e Nova York, só para começar.

Sei viver sem ti. Mas não quero.

Sim, vivi perfeitamente bem durante um quarto de século sem ti. Só que é muito mais divertido quando tu estás e me deixas chocolates escondidos pela casa e compras flores que não sabes como se chamam. Mas são bonitas.

A única coisa que arde na nossa relação são as velas que deixamos acesas depois do banho de espuma.

Não temos o mesmo idioma nativo, mas entendemo-nos perfeitamente.

Nem sequer discutimos, porque tu não deixas. É verdade que temos as nossas diferenças quanto ao ponto de cozedura do esparguete e certas discrepâncias no que toca o uso de cera para espetares o cabelo e, também, os intervalos de tempo aceitáveis entre comer e lavar a loiça. Mas acho que isso não conta.

Assim sendo, lamento muito desiludir mas o meu texto de amor é feliz.

Porque é assim que tu me fazes sentir.

Ana Catarina Marques da Silva

texto =

Queria escrever-te um poema de amor
mas não sei escrever.

Queria compor-te uma música de amor
mas não sei compor.

Queria mostrar-te uma cena de amor
mas não sei filmar.

Queria pintar-te um quadro de amor
mas não sei pintar.

Queria oferecer-te uma paisagem de amor
mas não sei fotografar.

Queria dançar-te uma dança de amor
mas não sei dançar.

Queria erguer-te um monumento de amor
mas não sei esculpir.

Queria traçar-te um caminho de amor
mas não sei desenhar.

Queria levar-te numa viagem de amor
mas não sei viajar.

Queria sonhar-te um sonho de amor
mas não sei sonhar.

Queria contar-te uma história de amor
mas não sei inventar.

Queria dar-te uma vida de amor
mas não sei amar.

Patrícia Posse

“Trechos em dueto”

Um desvio repentino precede um olhar fixo. Uma incerteza consumada sucede à emoção abafada. As mãos tristes preenchem o intervalo. E na epopeia de chegar daqui até aí, há risos abstractos que se emancipam.

Nesse alvéolo de luz, em que cabemos os dois, os braços são agora o corpo imerso, vacilante. Queria, num afago de mãos cheias, maltratar a distância, desuni-la. Não conheço ainda essa tua gargalhada escondida, isenta, e esta garganta inflamada, ardente de um amor incerto, desconhece o grito que há-de dar.

Nos ecos desse silêncio revoltado, moram as nossas vozes enroscadas à lareira dos afectos. Desejam o calor que não chega nesta madrugada vadia. Há chuva pisada pelos carros e salpicos lacrimajantes nas vidraças. Olhamos a rua que testemunhará o desencontro desmarcado.

É frio meigo, daquele que não castiga a carne. Enrosca-te na métrica dispersa dos versos que ele te canta. Eu vou continuar perdido, em busca do reencontro, enquanto oiço os meus lamentos na prosa do vento.

Por vezes, chego mesmo a gostar dessa rima desemparelhada, porque é dissemelhante de tudo o que sentimos. Inconfessavelmente, percorro todas as estrofes que remetam para os teus olhos à deriva.

Com esses, que dizes perdidos, avisto socalcos em forma de palavras. Uma inesgotável escadaria de consoantes a fumegar de brio, flanqueadas por vogais com cio. Ambas, como nós, embargadas por interrogações pausadas.

Se a realidade que nos morde o fizesse com a mesma ternura com que desdobramos as letras, teríamos alma para dar corpo às certezas vacilantes. Sim, essas que escondemos no vale encaixado do coração.

Em mim vacila apenas o esqueleto, desunido, carcaça de quem te olha, por dentro, ao longe. Tudo o resto de mim vive, nesse vale, onde passo as horas a colher as pétalas que deixas cair enquanto ris. Nesse vale palpitante em que te encontro, não há realidade. Há só a alma das letras que nos prende.